

NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 20 (1988) 359-370

PRODUZINDO TEOLOGIA NO FEMININO PLURAL A Propósito do III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher

Tereza Cavalcanti

Era uma vez
um Deus-Só-Amor
só.

Encontrou-se Deus
tão sozinho
e foi atrás
de um jeito
para esbanjar
seu carinho.

Saiu Deus
a inventar a Vida,
preparou
um leito de amor
afinal
e no princípio
Deus criou
a Terra
e de achá-la
tão boa
não só
lhe abençoou
mas com a Terra
Deus se deitou.

Deus e a Terra
se amaram,
e num abraço
fecundo
Deus
Marido se faz,
e a Terra
Mulher de Deus
se tornou.

Nasceram filhas e filhos
de Deus-Pai
e Mãe-Terra. . .

Alguns filhos
roubaram
da maioria
a Terra
a Palavra
a Vez.
Perturbaram
o que Deus fez. . .

Daí pra frente
Deus-Marido sofreu
uma divina saudade
de sua Mulher
roubada.

E vingou-se.

Vingou-se
como só
Deus-Só-Amor
só sabe.
E deixou
a ganância
criar raiz.

A Terra
de leite e mel
profetisa se tornou,
espinhos dela nascendo,
recados que Deus mandou,
dizendo:

não foi assim
que eu quis
não foi assim
que eu fiz.

Os espinhos
atacam os mais fracos
— a maioria —
que se deixou roubar. . .

E as mais fracas dos fracos
sofrem mais ainda,
pois elas — nós mulheres —
como a Terra,
não podemos parir a Vida
completa,
abundante
como deve a Vida ser. . .

E SERÁ!

Quando a mulher
mais ferida dos feridos
entendendo
a terra cativa
chegar à conclusão
de que
ou liberta a Terra
ou não quebra
as correntes
da sua própria escravidão.

*(poema composto durante o
encontro por Lúcia de Sá
Barreto)*

Um grande mapa do Brasil foi desenhado no chão, com folhas e ramos verdes. Dentro do mapa, foi formada a figura de uma mulher grávida, feita de terra, tendo em uma das mãos a Bíblia e na outra, uma cruz feita de dois pedaços de cana. A mulher de terra recebeu uma flor vermelha no cabelo e, sob os pés, sementes e folhas de ervas, chás e outros produtos de medicina caseira ou de alimentos ricos que as mulheres vêm descobrindo e tirando da terra.

As participantes do III Encontro Nacional de Teologia na Perspectiva da Mulher, juntamente com alguns amigos que vieram para a celebração, entraram cantando na sala e se colocaram em volta do mapa. Ao lado da mulher de terra havia um montinho de pedras. As pessoas pegavam uma pedra, simbolizando um sofrimento ou uma dificuldade vivida pela mulher (fome, falta de terra para plantar e/ou morar, machismo, exploração, prostituição, medo, desesperança. . .) e a colocavam no ventre grávido da mulher-símbolo, expressando assim o desejo e a prece para que aquela "pedra de tropeço" se transformasse em algo novo, um sinal de vida e de esperança.

Essa liturgia, celebrada com emoção, muito canto, leituras bíblicas e depoimentos fortes, foi um dos pontos altos do Encontro. O tema: "A mulher, a terra e a teologia". Na tentativa de desenvolver um método comunitário e feminino de produzir teologia, 53 participantes se reuniram, nos dias 1 a 5 de junho de 1988, no Rio de Janeiro.

Eramos 51 mulheres e 2 homens, vindos de todas as regiões do Brasil, sendo 42 católicas, 7 luteranas, 2 metodistas, 1 presbiteriana e 1 episcopal. Das católicas, 24 leigas e 18 religiosas. Entre as 11 evangélicas, 8 eram pastoras. Entre elas os 2 homens. Havia também 4 observadoras, sendo 3 estrangeiras.

1. O MÉTODO DA ROSCA

O método de trabalho utilizado no encontro pode ser comparado à confecção de um daqueles pães caseiros que nossas avós faziam e cuja receita guardamos com carinho. Eram umas roscas em forma de *trança*, que enfeitavam a mesa e eram servidas com gosto pelas mães à criançada alegre da casa e da vizinhança.

Para fazer a massa, juntam-se primeiro os ingredientes. Para produzir nossa teologia, no primeiro momento juntamos nossas experiências de mulheres comprometidas com a luta pela libertação, especialmente a luta pela terra. Fizemos isto através da "dinâmica do dominó", emendando um relato com outro e colocando no chão, em forma de dominó, os símbolos de nossas vitórias, de nossos sofrimentos e lutas.

Num segundo momento, misturam-se e peneiram-se os ingredientes, juntamente com o sal e o fermento. Reunidas em grupos extraímos dos relatos da prática o que havia de comum e de mais típico, as intuições mais profundas, as idéias-força, o mais fino material a ser trabalhado teologicamente. Nesse esforço de "peneirar" também foi importante a contribuição das três palestristas que, com o instrumental das ciências humanas, abordaram a questão da Reforma Agrária e dos movimentos populares, através de um painel de análise da conjuntura.

No terceiro momento, bate-se a massa, com vigor, usando as próprias mãos, amassando, juntando, misturando e sovando. Aqui tivemos a ajuda das "mãos" de uma equipe de conteúdo, que organizou e elaborou o resultado do trabalho de grupos, fornecendo um primeiro texto, com as idéias principais já mais ou menos articuladas, trabalhadas à luz da Bíblia e da reflexão teológica. Sobre esse texto provisório — mas já apresentado em linguagem poética, como convém à palavra que sai do coração, ao sopro do Espírito — novas equipes trabalharam, retomando os temas que emergiram:

1. Relação mulher-homem-terra
2. A mulher e o poder
3. A espiritualidade no conflito
4. A força que move a mulher
5. A comunhão que produz vida.

Os temas foram discutidos e trabalhados, "sovados" como uma massa que se abre e enrola, bate, separa e une de novo.

Em seguida — e este é o quarto momento — deixa-se a massa "descansar", que é para crescer, enquanto o fermento atua. Isto corresponde, no fazer teológico feminino, ao tempo de gratuidade, da celebração, do deixar atuar o Espírito no mais profundo do nosso ser e nos caminhos misteriosos da história. As celebrações e o clima de oração, comunhão e festa permearam todo o encontro.

Finalmente, dá-se à massa uma forma bonita e feminina como uma trança, separando e juntando as tiras, cruzando e enroscando; assim foi feito com os temas, as idéias-força e os filões teológicos que se entrecruzavam e se articulavam de forma harmônica e poética.

O pão foi ao forno e agora está saindo, para ser distribuído e consumido nas comunidades, de onde vieram os ingredientes. Uma parte, porém, ficará guardada para fermentar novas roscas, multiplicar o alimento e aprimorá-lo. De fato, o resultado do encontro é ainda provisório, deverá ser trabalhado por equipes de aprofundamento. A fome ainda não foi saciada. A água que a samaritana bebeu, nela ia ser transformada em fonte de água viva, jorrando para a vida eterna (Jo 4,10-14).

2. O TEXTO NO FEMININO PLURAL

Após sofrer os últimos retoques das mãos da coordenadora do Encontro, o texto "rosca-de-trança" ficou assim:

E YAHWEH sopra...

Sopra o Sopro da vida...

Gera a criatura através do amor, por amor, com amor.

E ao gerar a vida,

Ele gerou a mulher, que é vida,
que produzirá ao longo da história o seu Projeto.
A divindade de Deus gera a mulher,
que gera a humanidade de Deus.
E a história continua... o criar e o gerar contínuo.
Deus espera que a vida continue, pois é através da vida
que ele se comunica ao homem
nesta mulher que espera, que luta, que vive;
Aí está a força,
Aí está o gerado,
Aí está a geradora.
Aí está Deus, o Amor, a Mulher.
Mulher coração, inteligência, ação.
A força que habita e move a mulher vem de Deus, ao mesmo tempo que é parte
integrante dela mesma. Essa força nela se torna força para fora dela, em forma de
PALAVRA que desata a língua,
de serviço que transforma as relações.
Relações cantadas por Maria.
Relações cantadas por Marias. Símbolo da Mulher.

2.1. A relação terra-mulher-homem

2.1.1 Deus cria a Terra para a mulher e o homem, a fim de que a cultivem, plantem e guardem, e não para que a destruam (Gn 2,15).

A Terra sempre é identificada com a vida humana:

- a Terra-Mãe, a Terra-Mater, a Pacha-Mama dos mitos primitivos;
- mulher e homem são filhos dessa Terra-Mãe (Gn 2,7) e têm com ela uma relação congênita, que implica direitos e obrigações.
- a história da salvação, do Gênesis ao Apocalipse, é a história de um povo que caminha, sofre pela perda, luta pela posse e pela reconquista da Terra, sempre ameaçada até os nossos dias (Êxodo e Profetas).

2.1.2 A mulher, de modo especial, tem uma relação de intimidade com a Terra. A Terra sussurra segredos à mulher e entre as duas há uma convivência misteriosa. Assim, no Apocalipse, a Mulher vence o dragão com a cumplicidade da Terra (Ap 12,16). Ambas conhecem a fertilidade. Deus olhou a Terra e encheu-a de bens (Eccl 16,29); olhou a Mulher e a encheu de graça e vida (Lc 1,28-35). A Mulher e a Terra são geradoras de vida, nutridoras generosas de leite e mel, esposas graciosas e belas para a alegria de Deus e dos homens. (Ct 4,1; Ez 43,2).

Ambas conhecem também o sofrimento, a dor da violência, o sangue derramado dos filhos queridos, e clamam por justiça (Gn 4,10-11; Jr 31,15). Mas o sofrimento da Mulher e da Terra são como dores de parto (Jo 16,21). Haverá uma nova Terra e uma nova Eva¹!

¹ Esses pontos comuns entre a Mulher e a Terra foram apresentadas pela teóloga Ana Roy.

2.1.3. A harmonia da humanidade com a Terra é perturbada sempre que se estabelece entre elas uma relação de manipulação e domínio. Uma interpretação equivocada do texto bíblico (Gn 1,28) justificou o abuso do poder como dominação. Essa relação distorcida causa a desarmonia entre as pessoas, na sua relação com a terra e na sua relação mais profunda, com os outros, com Deus, consigo mesmas. A privatização da Terra e a apropriação dos frutos do trabalho sempre constituíram uma quebra do projeto de Deus, em qualquer sistema social: provocaram a exploração e dominação dos fortes sobre os mais fracos, na dimensão sócio-política, econômica e religiosa.

Essa mesma perturbação aparece na relação homem-mulher, que entram em conflito. Por isso, no decorrer dos séculos, prevaleceu a idéia de que o masculino é forte e poderoso e o feminino, frágil e indefeso. Assim, o que parece estar cativo, é o feminino em todas as suas formas e manifestações.

Mas a mulher hoje tem adquirido mais consciência de que continua sendo pisada, mandada e discriminada. E começa a aprender da vida que sua libertação jamais virá sem a libertação da Terra. Somente numa Terra socializada, redistribuída com todos os seus produtos, a mulher poderá gerar mulheres e homens comunitários, novas gerações livres e solidárias, como sonhou Maria (Lc 1, 49-53). Essa tentativa de reajustamento nas relações Terra-Mulher-Homem resgata o projeto bíblico de organização da sociedade, segundo o modelo do Rosto de Deus, visível apenas numa humanidade harmoniosamente equilibrada (Gn 1, 27). Enquanto, porém, percorremos essa caminhada e essa busca, permanecem as dificuldades e os desafios, entre eles a questão da mulher em sua relação com o poder.

2.2 A mulher e o poder

A relação da mulher com o poder pode ser abordada de dois ângulos opostos, conforme ela apareça como objeto ou como sujeito do poder.

2.2.1. Quando a mulher é *objeto* do poder, ela é subjugada e utilizada de muitas formas.

O poder econômico explora o trabalho, o corpo e a sexualidade da mulher. Desde a bóia-fria, a agricultora, a operária, até a mulher objeto de propaganda, símbolo sexual e prostituta (muitas vezes desde a adolescência), a mulher é consumida por um sistema voraz e impiedoso, que descarta em pouco tempo as pessoas como um lixo desprezível, inútil e gasto. O poder social e patriarcal investe contra a mulher discriminando-a, usando-a e escravizando-a na família, no trabalho e nas institui-

ções. O poder político deixa a mulher para trás, ou a coloca na frente "puxando a carroça", mas ela nem sequer sabe quem dirige a carroça, e na hora das decisões ela não tem voz.

O poder religioso também utiliza muitas vezes a mulher, seja como simples "consumidora" do sagrado, seja através do seu trabalho na pastoral, na catequese, nas escolas dominicais, nos serviços diários da comunidade. Mas ela é afastada nas instâncias de decisão e na administração dos sacramentos. A religião contribuiu de certo modo para manter a mulher submissa e com pouca consciência crítica. Assim, por exemplo, as admoestações de Paulo para que as mulheres fossem submissas aos maridos (1Co 11,2-16; Ef 5,22) e não falassem nas assembleias (1Co 14,34-35). Assim também uma certa imagem de Maria como mãe e virgem imaculada e perfeita, quase a-sexuada, capaz apenas de dizer sim e obedecer. Ora, bem sabemos que isto não corresponde à imagem de Maria que o Magnificat nos transmite. Neste sentido, a religião agiu ideologicamente, mantendo uma estrutura de poder patriarcal, onde a mulher é mais objeto que sujeito.

O poder técnico-científico é mais um que utiliza e discrimina a mulher. Utiliza o seu corpo, muitas vezes como objeto de pesquisa e cobaia, a serviço de interesse alheios a ela, como pessoa. Na vida profissional, a mulher tem que ser duplamente competente para ser reconhecida, pois há um preconceito no sentido de limitá-la a uma capacidade intelectual inferior à do homem. A própria história, enquanto ciência, cometeu freqüentemente o erro de invisibilizar a mulher, deixando de registrar protagonistas de fatos marcantes, o que ocorre também na Bíblia.

Mas a mulher já está denunciando tudo isso. Ela começa a romper barreiras e conquistar o seu espaço.

2.2.2. Quando a mulher se torna *sujeito de poder*, ela encontra uma série de dificuldades, mas por outro lado aprende muito com a experiência.

Tendo vivido uma longa história de submissão, a mulher corre o risco de, ao assumir qualquer tipo de poder, reproduzir o modelo de dominação, seja com relação às outras mulheres, seja com a família, ou na política, na linguagem oral e escrita e na igreja. Formada e acostumada a obedecer e submeter-se, a mulher passa muitas vezes de um extremo a outro, entrando nas redes da competição e manipulação do poder, do saber, da palavra e até do sagrado. Não são poucas aquelas que, ao aceitarem o desafio de um cargo político, temem perder sua feminilidade, porque são levadas a fazer-se duras, "machonas", competitivas, autoritárias. . . Nessa luta vertiginosa, arrebatadora e mesmo avassaladora pelo poder, elas se perguntam: como não perder a graça, a ternura? Como

não perder os princípios éticos, a espiritualidade, a fé? Como manter-nos femininas? Ser feminino é ficar "boazinha", dócil, não ter raiva? O que é, afinal, o feminino para nós? Qual o "feminino" que produziram para nós? Como nós, mulheres, achamos que é o feminino? E o masculino? Seria a dominação uma característica masculina? De onde vem a oposição masculino x feminino? Estas questões levam a uma reflexão e uma busca de uma nova maneira de exercer o poder.

2.2.3. A gestação de um *modelo alternativo* de poder.

A origem do poder como dominação estaria numa mentalidade dualista, que nos foi transmitida desde quando o pensamento judeu-cristão se uniu à filosofia grega. Daí a oposição entre bem e mal, corpo e alma, homem e mulher, etc. Na gestação de um modelo alternativo de poder, a mulher deverá superar esse dualismo — o que ela só poderá fazer aliada ao homem. O exercício da autoridade deverá ser baseado numa representatividade legítima e o poder será em função do serviço. Deverá haver uma coerência entre prática e discurso.

Como viver uma prática que supere o dualismo, em busca de uma libertação integral, que inclui o masculino e o feminino? Seria uma solidariedade organizada entre as mulheres, com o apoio dos companheiros conscientes, pois, como dizia uma participante: "no último apelo, quem vai ajudar a mulher oprimida é a mulher libertada que, é claro, vai querer um homem livre como companheiro".

Buscamos também a superação do dualismo entre sagrado e profano ou secular. É preciso descobrir o verdadeiro sentido do sagrado, que não pode ser manipulado como uma forma de poder ou privilégio. Somos todas — mulheres e homens — templos do Espírito, porta-vozes legítimas do Evangelho, como foram as mulheres que primeiro testemunharam a ressurreição de Cristo. Há algo do religioso feminino que precisamos resgatar, dimensões do sagrado que emergem através das mulheres, nas diversas culturas, como nas religiões afro, indígenas e orientais. Em relação à Bíblia e à Teologia, inicia-se uma releitura a partir do feminino, que denuncia os processos de invisibilização e submissão da mulher dentro do sistema patriarcal. Essa nova leitura crítica tem permitido a relativização de certos textos periféricos em favor dos grandes eixos libertadores do Antigo e do Novo Testamento, onde a mulher é colocada em pé de igualdade com o homem (Gn 1,27), como profetisa que recupera as energias do povo (Débora, Judite) e como destinatária da mensagem mais original do Evangelho (Maria, Madalena, Marta, a Samaritana).

Toda essa reflexão é ainda o começo de uma caminhada, na qual somos levadas a reconhecer e explicitar conflitos, mas também a trabalhá-los, na prática e na consciência, como um novo aprendizado ilumi-

nado pela fé.

2.3. A espiritualidade no conflito

É no meio do conflito que vivemos nossa práxis e a espiritualidade cristã.

2.3.1. Os choques de interesses opõem a todo momento pessoas, grupos, classes sociais, instituições, sexos e raças. O conflito faz parte da própria estrutura da sociedade em que vivemos. Esse contexto de oposição de força e jogo de interesses deixa em cada uma de nós suas marcas de rivalidades, disputas de liderança, maniqueísmo, intolerância, ressentimentos, tensões e desânimo. Particularmente no momento atual, em que se evidencia a perda de tantas bandeiras pelas quais lutamos — eleições diretas, Constituinte independente, Reforma Agrária — nesse momento corremos o risco da desesperança. Mas é também a oportunidade de não ceder a essa tentação. O conflito proporciona uma parada para repensar, re-avaliar, adquirir uma visão mais crítica dos mecanismos que nos envolvem e re-direcionar nossa prática. Nesse sentido, referimo-nos à *práxis*, como postura e atitude crítica, de reflexão, que permite perceber os elementos que vão apontando novos caminhos, para a transformação pessoal e social.

A experiência do conflito, por outro lado, permite o aprofundamento da relação com o outro, com a natureza e com Deus. Ela proporciona a aproximação de um mistério maior que se processa na história e no entanto nos ultrapassa.

2.3.2. Falamos então da espiritualidade, essa força que vem do Espírito, que dá animação e alento na caminhada. Há um fecundador contínuo que vai gerando em nós o amor, a dinamicidade, e que permeia tudo, chegando até à capacidade de doar a própria vida. É aí que desemboca o simples seguimento de Jesus no dia-a-dia.

A espiritualidade que brota do conflito é a articulação entre a prática refletida, consciente e a *mística*. A dimensão do mistério, para além do racional e do lógico, está em profunda consonância com o feminino, havendo mesmo uma proximidade entre as raízes gregas da palavra "mistério" e "útero" ("hystera"). A mística tem a ver com o intuitivo, o afetivo, a paixão, a abertura que se faz "continente" para acolher o dom de Deus. Neste sentido, a espiritualidade é escuta. Escuta da Palavra de Deus que fala através da Bíblia e através da vida, dos oprimidos, das mulheres, das comunidades. Saber escutar Deus dentro do conflito, no meio das contradições e ambigüidades do cotidiano é todo um aprendizado que as mulheres vão adquirindo, especialmente aquelas

que se situam do lado contrário do ter e do poder. Escutar Deus e escutar o pobre são duas faces da mesma moeda.

Essa espiritualidade é dialógica, pois saber ouvir supõe também saber falar, emitir nossa palavra de mulheres. As mais oprimidas começam a romper um silêncio secular e substituí-lo por um grande clamor. Que palavras saem desse clamor? Que protestos? E que boas notícias, cantos, poemas?

2.3.3. A espiritualidade que nasce no e do conflito é marcada pelo sofrimento. Mas a mulher vai tomando consciência cada vez mais clara de que não deve se deter no sofrimento porque este não vem de Deus. A cruz de Ronda Alta simboliza a passagem do sofrimento individual para o comunitário, sempre em movimento. É a cruz escorada, que por isso resiste de pé. O sofrimento partilhado em comunidade é algo redescoberto de modo significativo pelos cristãos sem terra, que vivem a dureza dos acampamentos, e que se tornaram um símbolo para a Igreja na América Latina. A cruz de Ronda Alta está indicando que a coletivização do sofrimento conduz à ressurreição comunitária. Na experiência dos acampados surgiram vozes proféticas de mulheres que jamais poderemos esquecer como Roseli S. N. da Silva, assassinada durante uma manifestação pacífica pelo direito à terra. Uma das participantes do encontro dizia emocionada: "Roseli é Bíblia. Escreveu uma história. Era uma profetisa, uma dessas que vêm como um dom, falava o que a gente precisava ouvir. No entanto, seu marido era um estorvo para ela. Hoje ele é atuante na mesma luta e ainda convoca os outros homens a participar".

De onde vem essa força da mulher?

2.4. A força que move as mulheres

"A força que move as mulheres vem de dentro para fora. . . muito interior! E é muito forte!"

A força motriz é um termo que nos aponta algo superior, poderoso, audacioso e vencedor. Como pode a mulher, fraca, tímida e discriminada ser considerada forte? De onde lhe vem essa força? Do mais profundo do seu ser, através do inimitável dom de dar a vida, na autodefesa e na resistência.

Somos continuidade de gerações que se sucederam, buscando sempre o seu lugar e o seu espaço na sociedade. Parece que a mulher no decorrer do tempo acostumou-se a pensar, a agir e executar tarefas, deixando o resultado final para os homens. As mulheres trabalham, chegam fazendo mais do que falando. Ficam escondidas por trás do trabalho, e não se apropriam de sua ação, pois não a *verbalizam*. Por outro

lado, muito da rebeldia da mulher é abafada, deturpada com sua "finalidade" e delicadeza, ocultando o verdadeiro sentido da história.

Ora, quando as mulheres se fazem presentes em público, no protesto, na luta, é porque esse protesto é visceral! A luta tem implicações muito profundas, é sociedade levantando-se visceralmente, gritando por mudanças. Por isto, não adianta esconder, tirar a mulher do cenário da história.

Quando as mulheres se fazem presentes, é toda a sociedade que está envolvida, pois as mulheres representam o cotidiano, representam as condições de vida — o que há de mais profundo nas relações sociais. A mulher pensa e age no coletivo e no comunitário, portanto quando ela vai à luta, abala as estruturas. O pensar feminino é abrangente e sugestivo. Neste sentido, Maria emerge como símbolo, pois tinha o pensamento voltado para o seu povo (Lc 1,54-55), e essa será uma marca nas pregações e na prática de seu Filho. Jesus partilhava e conhecia a ansiedade do povo oprimido, por isso se dizia que ele falava "com autoridade, diferente dos escribas" (Mc 1,22). Nisto consiste a força da mulher, que em sua luta carrega os anseios mais profundos dos pobres. A mulher possui o dom da *proximidade* que se inicia em suas entranhas, através da gestação. Neste estágio, o feto e a mãe se confundem; são duas vidas interligadas pelo amor e o poder infinito de Deus. . . O útero, gestando, apresenta condições adequadas para o desenvolvimento da vida até a sua autonomia, e esta é uma das melhores representações de solidariedade e troca de sentimentos na mulher. Este contato não perde o seu sentido: mesmo quando a criança vem ao mundo e é desligada fisicamente da mãe, isto se dá através do equilíbrio pela amamentação, que é uma doação simultânea de vida.

A mulher procura unir forças. Maria, quando assumiu o projeto de Deus, através de seu sim, vai logo em busca de outra mulher, anunciar, comunicar vida e unir forças. A força feminina é colocada no plural.

Eis a força que move a comunidade — a Mulher! Gerando comunidade.

2.5. A comunhão que produz vida

Na caminhada da mulher em busca da libertação percebemos três momentos. Um primeiro, de amargura, de revolta, de raiva ao tomar consciência da sua milenar opressão, que se dá a nível pessoal e social. Um segundo, de autovalorização, de explosão das potencialidades reprimidas, irrompendo numa participação nas diversas lutas por libertação.

Através dessa participação vai se dando um amadurecimento (terceiro momento) no reconhecimento do específico da mulher que é ge-

rar vida, possibilitar a emersão do humano mesmo em situações aparentemente desumanas (como um lixão), onde os pequenos sinais de vida e libertação são celebrados e festejados com muita alegria, assim como o fizeram: Myriam (cf. Ex 15,21), Débora (cf. Jz 5,1-31), Judith (cf. 16, 1-17), Ana (cf. 1Sm 2,1-10) e Maria (cf. Lc 1,46-55).

Tudo isso vai construir a comunhão. Essa comunhão só surge na medida em que os conflitos e confrontos ocorrem e são trabalhados na linha da aceitação do diferente, tendo como critério a produção de vida.

No princípio era a comunhão
que a experiência cristã chamou Trindade.
Mas foi a experiência humana que revelou
a comunidade que a Trindade encerra.
A mulher, como ser total,
integrada nos processos vitais,
indivisível nas suas ações,
pode contribuir para uma reflexão
sobre a experiência originária da comunhão.
Pensando, refletindo e aprofundando
sua própria prática,
ela pode descobrir pistas
que no nosso contexto atual
iluminem a caminhada para a frente,
iluminem os desafios atuais
como a síntese do pensamento racional crítico
e a mística poética,
do cientificismo moderno
e da humana necessidade de festejar e celebrar,
do saber acadêmico
e do saber que brota espontâneo da vida,
do vigor revolucionário
e da amorosa ternura,
Enfim, a síntese de tudo aquilo que pode,
na reciprocidade,
ser integrado,
para mais eficazmente
e gratuitamente
gerar vida
e proteger os meios de mantê-la.

A comunhão que se faz vida.
A vida que se faz comunhão.
A vida que vem da mulher
que comunga a mulher
que especifica a mulher.

a Comunhão que se funde em vida
em vida que
repartida e nutrida,
recolhe em pedaços e trapos:
o diferente,
o novo
o rebelde
e o consciente
para ser a Vida.

Tereza Cavalcanti é licenciada em Filosofia, bacharel e licenciada em Ciências Religiosas pelo *Institut Supérieur de Sciences Religieuses*, da Universidade Católica de Lovaina (Bélgica). Mestre em Teologia pela PUC/RJ. Professora de Cultura Religiosa e Pastoral Bíblica na PUC/RJ. Assessora do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos – Belo Horizonte) e do ISER (Instituto de Estudos da Religião – Rio de Janeiro). Leiga, casada, mãe de três filhos.

Endereço: ISER – Caixa postal 16011 – 22222 Rio de Janeiro – RJ